

A ESTILÍSTICA ATRAVÉS DOS TEXTOS – PARTE 1

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

Por estilo, do grego *Στυλος*, pelo latim *stilus*, ‘ponteiro’, entendia-se uma haste ou ponteiro de osso e metal que servia de instrumento à escrita dos povos antigos, mormente na Grécia e Roma. Escreviam-se as mensagens em tábuas de cera e o *estilo* era aguçado em uma das extremidades (para marcar os caracteres) e achatado na outra (para fazer correções, supressões ou apagar o que se já havia escrito). Em sentido figurado, hodiernamente se define o estilo como a maneira ou o caráter especial de os artistas, de um modo geral, assinalarem seus trabalhos. De um modo específico, é a maneira particular de exprimir pensamentos, através da palavra falada ou escrita.

A estilística pode definir-se como a arte de bem escrever e ainda como o tratado das diferentes formas ou espécies de estilo e dos preceitos lhes dizem respeito. Também pode definir-se como o setor dos estudos da linguagem que se ocupa com o estilo, tendo a linguagem como fator imprescindível. Entendemos então, resumindo o pensamento do Professor Evanildo Bechara, (*Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 199, p. 415), que o estilo é a reunião de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e de apelo. Temos, finalmente, a seguinte dicotomia para classificarmos a estilística: a chamada *estilística da língua*, de Charles Bally, e a chamada *estilística da fala*, apreçoada por Karl Vossler, Leo Spitzer, dentre outros, do Idealismo alemão, condensando-se as palavras do Professor Evanildo Bechara.

Em consonância com a opinião de J. Mattoso Câmara Jr., *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Rio de Janeiro, Vozes, 1977, p. 110, "Estilística - Disciplina lingüística que estuda a expressão em seu sentido estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar. Distingue-se, portanto, da gramática, que estuda as formas lingüísticas na sua função de estabelecerem a compreensão na comunicação lingüística. A distinção entre a estilística e a gramática está assim em que a primeira considera a linguagem afetiva, ao passo que a segunda

analisa a linguagem intelectual”.

A estilística é, assim, todo o aparato afetivo e emocional que caracteriza a expressividade do autor.

Não podemos confundir estilística com a gramática. Condensando-se as palavras de Charles Bally, o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o individual e o coletivo, porém o contraste entre o emocional e o intelectual. “É nesse sentido, prossegue o Professor E. Bechara, que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectual)”.

Segundo o Professor Rocha Lima, “Enquanto a *Gramática* estuda as formas lingüísticas no seu papel de propiciarem o intercâmbio social da comunidade, cabe à *Estilística* estudar a expressividade delas, isto é, a sua capacidade de transfundir emoção e sugerir os nossos semelhantes”. (C.H. da Rocha Lima, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, 21ª ed., p. 441)

A análise literária difere da análise estilística. Aquela é de competência do professor de literatura; esta é da alçada do professor de língua portuguesa e visa, primordialmente, a enfatizar aspectos do “*sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante”, interessando-lhe “tanto a captação de traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare”, ainda no dizer do Professor E. Bechara, (Op. cit. p. 616)

A crítica tradicional do estilo, comportando suas multifacetadas inquirições literárias, históricas, sociais, políticas, ideológicas, filosóficas, etc., não estará, certamente, exposta a insinuações de que a estilística irá tirá-la do seu lugar e muito menos tentando apagar o papel da antiga Retórica. Ao contrário, a estilística irá sempre prestigiá-la por conta do alto papel que aquela crítica desempenha. Sendo da competência da crítica tradicional o estudo de proposições antigas, a estilística, por estudar proposições novas,

estuda igualmente todos os assuntos. Vale citarmos aqui, ainda seguindo as pegadas de Evanildo Bechara, as palavras do mestre, Amado Alonso, in: --- *Materia y Forma en Poesía*, pp. 103-104: "Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele".

Quanto aos traços estilísticos, continuamos a citar o ilustrado Professor, representam "(...) o conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética" (*Op.cit.*, p. 616) Isso representa a marca de cada autor, o somatório de tudo o que ele produz em termos de ideal estético, de belo, em seu trabalho, projetando-se em todos os setores da língua. O estilo, próprio ao ser humano, na definição de Buffon, não deve ser entendido como a violação da norma culta do idioma, daí porque existe muita diferença entre traço estilístico e erro gramatical. O traço estilístico pode caracterizar-se por um desvio ocasional da norma gramatical observada em determinada época, o que se justifica, todavia, em razão do seu alto propósito estético. O erro gramatical é o desvio ocasional da norma gramatical observada em determinada época, porém desprovido do alto propósito estético.

Ainda em consonância com o Professor Carlos Henrique da Rocha Lima, "Enquanto a *Gramática* estuda as formas lingüísticas no seu papel de propiciarem o intercâmbio social na comunidade, cabe à *Estilística* estudar a expressividade delas, isto é, a sua capacidade de transfundir emoção e sugerir os nossos semelhantes." (*Op. cit.*, p. 441)

O terreno da estilística é vasto e abrange todos os limites da gramática, fornecendo a esta valiosos subsídios.

Dessa forma, temos a considerar:

{a) Fônica

ESTILÍSTICA {b) Morfológica

{c) Sintática

{d) Semântica

ESTILÍSTICA FÔNICA

Seu objeto de estudo constitui os sons.

Dentro da fonética, numa abrangência prática, poderíamos esquematizar o seguinte:

D - duração: de caráter irrelevante, sem valor significativo, referindo-se à quantidade (breve/longa).

I - intensidade: relaciona-se com a acentuação das palavras, possuindo grande valor expressivo.

T - timbre: aberto e fechado. Relaciona-se com o efeito acústico decorrente da ressonância ao pronunciarem-se as vogais

A - altura: faz a distinção entre orações afirmativas e interrogativas.

Interessa-nos, sobremaneira, o estudo de três acentos: duração, intensidade e altura, os quais, em função da expressividade, aglutinam-se, combinam-se, misturam-se, a fim de evidenciarem determinada palavra dentro de determinado contexto, fazendo com que a mesma fique numa redoma de emoção e afeto. É o chamado *acento emocional de insistência*. "Tal acento pode consistir no prolongamento da própria sílaba tônica, à qual se comunica, assim, maior duração; ou recair em outra sílaba, valorizada, então, por maior intensidade, maior altura, e, às vezes, também, maior quantidade". (Rocha Lima, Op. Cit., p. 442)

Para exemplificar duração, transcreveremos abaixo dois fragmentos, extraídos, respectivamente, dos livros (Op. cit.) dos Professores C. H. da Rocha Lima e Evanildo Bechara:

Certa vez, na inauguração de um edifício público em festa, [ATAXERXES] sentiu no meio da multidão que o olhar do amigo pousava no seu rosto, como que o reconhecendo. Não se conteve e gritou: *Ziito!*...

Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas...Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amoor* é tudo na vida, e adeus.

Com a repetição da vogal tônica, tivemos nos dois fragmentos de modo comprovado o alongamento vocálico, que expressa o estado emotivo do falante e do autor. Tal fato poderá comprovar-se em outras situações, ao enfatizarmos as sílabas de algumas palavras, quando queremos emprestar ao discurso maior carga emocional: *a situação é calamitosa; mas é preciso calma*. Os fonemas podem, talqualmente, apresentar esse aproveitamento estilístico, mormente as consoantes homorgânicas: *só lhes peço uma coisa - guerra ao crime!* O /p/ de *peço*, o /g/ de *guerra* e o /c/ de *crime* alcançaram, maior força, maior expressividade dos nossos estados d'alma.

A *motivação sonora* das vogais e consoantes, isto é, o aproveitamento das características espontâneas de seus fonemas, capazes de estabelecer analogias com algumas idéias ou sentimentos, também serve de exemplo: *o carro roda; o vento varre; a chuva encharca*.

As onomatopéias

De acordo com a definição de J. Mattoso Câmara Jr., Op. cit., p. 182, "Onomatopéia - Vocábulo que procura reproduzir determinado ruído, constituindo-se com os fonemas da língua, que pelo efeito acústico dão melhor impressão desse ruído". De conformidade com a opinião do Prof. C. H. da Rocha Lima, Op. cit., p. 444, "A atribuição a certos sons lingüísticos de uma capacidade especial para *interpretar* certos ruídos, ou até estados d'alma, é o que se chama *onomatopéia*". Palavra cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada (sussurro, ciciar, ulular, tique-taque, cocorocó, gluglu, etc) poderá ser a definição mais generalizada de onomatopéia.

Vale lembrar os efeitos onomatopaicos do poema "Os Sinos", de Manuel Bandeira, de onde destacamos os seguintes fragmentos:

Sino de Belém bate bem-bem-bem

.....

Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Guimarães Rosa, magistralmente, usou os efeitos vocálicos das vogais, criando o verbo *aeiou-ar*. "O mato - vozinha mansa - *aeiouava*."

Igualmente, pela junção e combinação de alguns fonemas é possível obtermos belos efeitos imitativos e sugestivos de motivação fônica ou musicalidade dos segmentos frasais, embora nos afastemos, num sentido rigoroso, ao campo das onomatopéias. Mesmo assim, vejamos:

* por homofonia (incidência da acentuação tônica na mesma vogal ou assonância):

*Tábios flautins finíssimos gritava,
E, as curvas harpas de ouro acompanhando,
Crotalos claros de metal cantavam.*

(Olavo Bilac)

* por aliteração (repetição de fonema ou fonemas no início, meio ou fim de vocábulos próximos e até mesmo distantes, desde que simetricamente dispostos em uma ou mais frases ou em um ou mais versos):

*Mas, muito antes da luz das barras, os passarinhos percebem o sol:
pio, pingo, pilgo, silgo, pinta-alecrim...*

(Guimarães Rosa)

* por coliteração (incidência nas consoantes homorgânicas, repetidas várias vezes, no início, meio ou fim de uma ou mais frases ou em um ou mais versos):

*Vozes veladas, veludasas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.*

(Cruz e Souza)

Ringe e range, rouquenta, a rívida moenda...

(Da Costa e Silva)

ESTILÍSTICA MORFOLÓGICA

O uso expressivo das formas gramaticais constitui o seu objeto.

Eis alguns exemplos:

* *O chamado plural de convite*. O verbo vai para o plural e a intenção é conchamar alguém a praticar uma ação ou a realizar tarefa ou trabalhou que não seja de bom agrado:

"*Vamos terminar com esse barulho*", diz o inspetor de alunos na sala de aula.

* *O plural de modéstia*. Também o verbo irá para o plural, quando o autor procura falar de si mesmo:

"*Nós, ao pronunciarmos estas palavras, estamos com o coração partido*".

* *O emprego de tempos e modos verbais*:

a) o presente pelo futuro, indicando resolução, decisão:

"*Amanhã, depois do trabalho vou ter com ela*."

b) o imperfeito, como forma de educação, polidez:

"*Eu queria que você me ouvisse*"

c) o presente pelo pretérito, procurando dar ao diálogo aspecto de inovação e comoção a quem se fala:

"*Nisso, o temporal desaba sobre a cidade*".

* *Uso de sufixos, notoriamente os de gradação*:

irmãozinho, mãezinha, politicalha, poetaastro, etc.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999.
- CARDOSO, Wilson & CUNHA, Celso. *Estilística e Gramática Histórica*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1978.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1989.
- CHAVES DE MELO, Gladstone. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Padrão, 19
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro : FGV, 1975.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Manual de Estilística*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1990.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Manual de Estilística*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1990.
- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*. São Paulo : Ática, 1991.
- PINTO RIBEIRO, Manuel. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 11ª edição. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro : Metáfora, 2.000.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980.
- RODRIGUES LAPA, Manuel. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo : Martins Fontes, 1982.
- TORRES, Napoleão de Almeida. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1959.